

Colen - Brasil 27 NOV 1990

Em estado de alerta**LUIZ PÉRICLES MUNIZ MICHIELIN**

Há oito meses, quando o novo governo assumia a direção política e econômica do País, vivíamos um estado de esperança. As primeiras medidas econômicas eram adotadas e, estupefatos, ficamos na expectativa do que viria a acontecer no período a seguir. Hoje estamos em estado de alerta.

Faço tal colocação como diretor de uma entidade que representa um segmento que se vê encurralado e assiste, atônito, aos primeiros sinais de que a situação se agravará nos próximos meses caso novos investimentos não se realizem. As primeiras concordatas dentro do setor de bens de capital sob encomenda já são anunciadas. Muitas outras virão e as falências não poderão ser evitadas se providências imediatas não forem tomadas.

Não podemos ignorar os alarmantes índices observados neste segmento da indústria de máquinas e equipamentos, que apontaram para o terceiro trimestre do ano uma ociosidade de 54% na sua capacidade de produção e uma queda de 40% nos pedidos em carteira. O faturamento, que em 1989 atingiu US\$ 4,278 bilhões, não deverá chegar, em 1990, a US\$ 3 bilhões.

Também não podemos ignorar que a redução dos investimentos das empresas estatais e o atraso no pagamento dos equipamentos e máquinas adquiridas por essas mesmas empresas, que chegam, no momento, a aproximadamente US\$ 500 milhões, representam grande parcela de responsabilidade pela situação em que se encontra o setor.

Na indústria de máquinas e equipamentos seriados a situação não é de todo diferente. Ela acumula ao longo do ano queda de mais de 25% em seu faturamento, que em 1989 chegou a US\$ 13,722 bilhões. Este é um claro indicador de que também este setor, com mais de 3.500 empresas, corre sério risco de enfrentar a insolvência.

As altas taxas de juros, que vêm tragando as indústrias e o comércio de uma maneira generalizada, não deixam de ser uma arapuca para os fabricantes de máquinas e equipamentos. Entramos na roda-viva e para sair dela precisamos buscar caminhos que nos levem à retomada do crescimento da indústria de bens de capital. A imediata abertura de linhas de

crédito oficiais e privadas em volume suficiente, com prazos e carências do mercado internacional, é essencial.

É preciso que as autoridades governamentais autorizem as liberações da agência Finame, responsáveis no período de 1986 a 1988 por cerca de 9% do valor da produção, oscilando ligeiramente para cima em 1987 (10,7%) para cair, no ano seguinte, a 7,9% desse valor e a menos de 6% em 1989. Para retomar o equilíbrio, que nos garanta uma boa posição nos próximos 20 anos, projetamos a necessidade de um crescimento real, até o ano 2000, de 11,3%.

É preciso ainda que o governo libere os US\$ 12 bilhões previstos para o orçamento do Ministério da Infra-Estrutura e que estariam, em 1991, voltados para investimentos que incluem a aquisição de máquinas e equipamentos. Se medidas como essas não forem adotadas, estamos certos de que corremos o risco de encolhimento, o que nos levaria a perder toda a estrutura construída nos últimos 20 anos.

O País precisa, urgentemente, reencontrar os rumos do desenvolvimento. É necessário deter, enquanto é tempo, a escalada inflacionária, que volta com já notável virulência. É importante que todos entendam que é impossível construir um país em alguns meses, mas que é possível destruí-lo em poucos dias. A indústria de máquinas, em qualquer país civilizado e desenvolvido, é um setor estratégico e temos de agir dentro dessa compreensão para que o pior seja evitado.

Resta concluir que o caminho é o amplo debate entre todos os segmentos da sociedade, mas procurando alcançar a mais absoluta representatividade. E isso significa que as chamadas lideranças, antes de se autoneomarem coordenadores e representantes das categorias econômicas, devem ser selecionadas pelos seus pares para representá-los, já que um dirigente de classe, embora eleito, não deve achar que o mandato lhe outorga poder para deliberar sobre matéria que norteará os destinos de toda a Nação. É a única saída do estado de alerta e a única forma de evitar o caos.

□ Luiz Péricles Muniz Michielin é primeiro-vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq)